

RBEMF

REVISTA BRASILEIRA DE ECONOMIA MONETÁRIA E FINANCEIRA

Número Especial – O “Tarifaço” de Trump | 2025

ISSN 3085-7643

O tarifaço de Trump: protecionismo, crise de hegemonia e o risco de descrédito do dólar

José Paulo Guedes Pinto

Alexandre Becker



O tarifaço de Trump: protecionismo, crise de hegemonia e o risco de descrédito do dólar

José Paulo Guedes Pinto

Professor Adjunto na Universidade Federal do ABC

jose.guedes@ufabc.edu.br

Alexandre Becker

Doutorando em Economia Política Mundial na Universidade Federal do ABC

alexandre.becker@ufabc.edu.br

Resumo

O recente aumento de tarifas proposto por Donald Trump pode ser interpretado como uma tentativa de restaurar a indústria estadunidense por meio de um protecionismo tardio, inspirado em estratégias do pós-guerra. Ao mesmo tempo em que busca satisfazer uma base nacionalista e parte dos descontentes da classe trabalhadora, o tarifaço pode acelerar a erosão da confiança global nos Estados Unidos, tencionando gravemente os alicerces da ordem internacional construída pelos próprios EUA no pós-guerra, gerando efeitos contraditórios: inflação doméstica, conflitos geopolíticos e riscos à credibilidade do dólar como moeda de reserva. Com base numa análise crítica, este ensaio discute os limites internos e externos dessa estratégia e suas implicações para o futuro da ordem mundial.

Palavras chave: *Guerra comercial, Tarifas, Trump, Hegemonia do Dólar.*

Abstract

The recent tariff increases proposed by Donald Trump can be interpreted as an attempt to restore American industry through belated protectionism, inspired by post-war strategies. While aiming to appease a nationalist base and part of the discontented working class, the massive tariffs could accelerate the erosion of global trust in the United States, severely straining the foundations of the international order built by the U.S. itself after the second world war. This move may produce contradictory effects: domestic inflation, geopolitical conflicts, and risks to the credibility of the dollar as a reserve currency. Based on a critical analysis, this essay discusses the internal and external limits of this strategy and its implications for the future of the world order.

Keywords: *Trade War, Tariffs, Trump, Dollar hegemony.*

1. Trump e o colapso da ordem liberal construída pelos EUA

A política comercial de Donald Trump, marcada por sucessivos aumentos tarifários sobre produtos estrangeiros, principalmente chineses, retoma um nacionalismo econômico que remete à lógica industrializante do pós-guerra, inclusive àquela do protecionismo preconizado pela CEPAL nos anos 1950. No entanto, essa tentativa de repatriar indústrias e empregos ocorre em um contexto econômico, tecnológico e geopolítico radicalmente distinto daquele período. Este ensaio busca discutir as contradições e consequências do chamado “tarifaço” de Trump, tanto no contexto interno dos EUA quanto no cenário internacional.

Desde o fim da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos lideraram a construção de uma ordem econômica internacional liberal, ancorada em três pilares fundamentais: (i) o “livre” comércio de bens e serviços, sustentado por instituições como o GATT (1947) e depois a OMC (1995); (ii) a proteção da propriedade intelectual, institucionalizada via acordos como o TRIPS; e (iii) o dólar como moeda de reserva global, garantido por uma confiança sistêmica no poder econômico, jurídico e militar dos EUA. Além disso, a hegemonia americana também se sustenta na sua capacidade de projeção militar global, com centenas de bases espalhadas pelo mundo e gastos militares superiores aos de qualquer outra nação. Essa presença militar não apenas assegura interesses estratégicos dos EUA, mas também reforça sua posição como garantidor da ordem global.

No regime de comércio internacional aberto, os EUA foram os maiores promotores do livre-comércio global. Com mercados abertos, tarifas baixas e arbitragem multilateral, conseguiram disciplinar a concorrência internacional, garantir acesso a mercados externos para suas empresas e impor regras favoráveis à sua competitividade. O tarifaço de Trump rompe com esse consenso ao atacar frontalmente a lógica do livre-comércio com tarifas unilaterais e nacionalismo econômico. Ele trata aliados como adversários (Europa, Japão, México), desrespeita regras da OMC e desestabiliza o sistema que os EUA mesmos criaram.

No campo do comércio de serviços, especialmente no que se refere à cobrança pelo uso de propriedade intelectual, os Estados Unidos também desempenharam um papel central na criação de um regime global de proteção, consolidado em acordos como o TRIPS e em uma série de tratados bilaterais e multilaterais sobre patentes, marcas e softwares. Esse arcabouço institucional assegura lucros globais para gigantes como Apple, Microsoft, para a indústria cultural norte-americana e para a chamada Big Pharma, gerando superávits expressivos na balança de serviços, principalmente através dos royalties associados à propriedade intelectual. No entanto, a postura unilateral e confrontacionista de Trump coloca em risco a legitimidade desse regime, abrindo espaço para que outros países — como o Brasil — comecem a buscar alternativas que reduzam sua dependência em relação aos padrões e patentes estabelecidos pelos EUA (BRASIL, 2025).

Quanto à confiança no dólar e à estabilidade institucional, o dólar tornou-se moeda de reserva mundial porque os EUA projetavam estabilidade política, previsibilidade jurídica e compromisso com o sistema que construíram. Grande parte dos países confiava nos EUA como garantidores do jogo global. Ao agir de forma impulsiva e desrespeitar regras internacionais, Trump pode estar abalando essa confiança, acelerando tendências econômicas relativas à sua perda de liderança na economia global, incentivando a desdolarização e estimulando o fortalecimento de blocos alternativos, como os BRICS e o uso do Reminbi e outras moedas em acordos bilaterais.

2. O protecionismo como estratégia de reconstrução da indústria e da base política

Ainda difícil de decifrar toda a lógica, de forma mais imediata, a aposta trumpista parte da hipótese de que tarifas elevadas sobre produtos estrangeiros vão atrair de volta indústrias que migraram para a Ásia e América Latina (AGENCIA BRASIL, 2025; USA, 2025). Essa suposição ignora fatores estruturais: ainda que a produtividade seja maior, os custos salariais nos EUA são significativamente mais altos do que na Ásia e na América Latina (OIT, 2025), e os empregos industriais contemporâneos são menos intensivos em mão de obra, dada a automação e o uso intensivo de tecnologia (AUTOR & SALOMONS, 2018).

Portanto, o retorno da manufatura, mesmo que venha a acontecer, é de longo prazo, será parcial e tende a ser inflacionário — com produtos mais caros e poucos empregos gerados. O protecionismo, nesse cenário, se transforma em um instrumento de redistribuição regressiva da renda: consumidores pagam mais para sustentar uma promessa simbólica de renascimento industrial.

Mais do que uma política econômica racional, porém, o tarifaço serve a uma estratégia de mobilização política. Ele oferece uma resposta simbólica ao descontentamento da classe trabalhadora branca, saudosa dos “bons tempos” de industrialização e ressentida. A retórica do “America First” reforça uma identidade nacionalista e agressiva que sustenta Trump diante do vácuo de alternativas no campo progressista.

3. Balança de transações correntes e o paradoxo do dólar

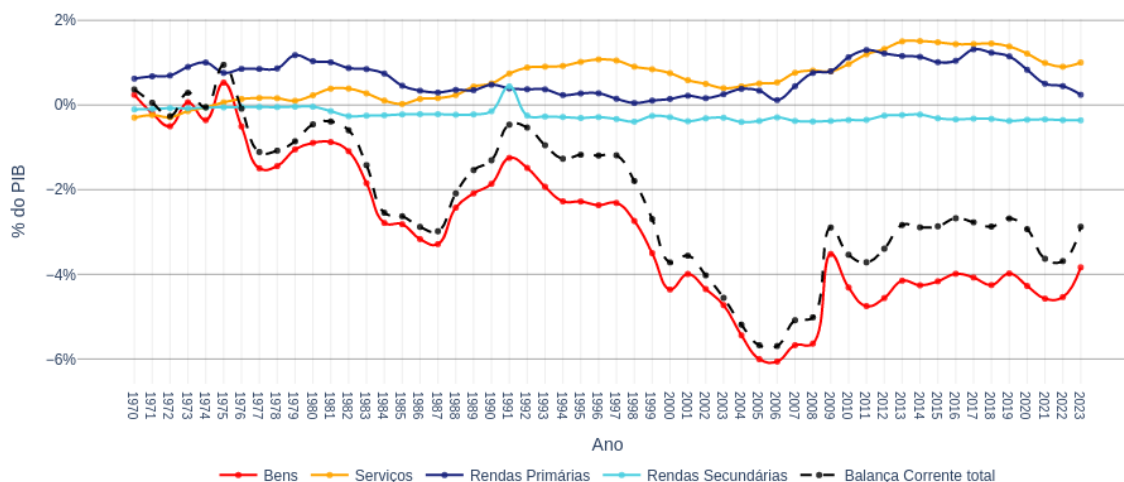
Desde o pós-guerra, a economia dos Estados Unidos passou por uma profunda reestruturação, tornando-se cada vez menos dependente da produção material direta e cada vez mais centrada na exportação de serviços, no controle de ativos intangíveis e na emissão da moeda de reserva internacional. Essa mudança se acentuou a partir dos anos 1980, com a financeirização da economia americana e a consolidação do país como principal exportador de capital do mundo.

Embora os EUA apresentem déficits sistemáticos na balança comercial desde os anos 1970, esses desequilíbrios são parcialmente compensados por superávits expressivos nas balanças de serviços e de rendas primárias, refletindo tanto a força de suas empresas de tecnologia, mídia e propriedade intelectual, quanto os ganhos obtidos a partir de ativos financeiros e investimentos no exterior.

Esse arranjo, no entanto, exige que a conta corrente como um todo permaneça sob controle ao longo do tempo. Apesar das transações correntes terem se deteriorado entre meados dos anos 1980 e 1990, essa conta vem mantendo uma trajetória relativamente estável, embora negativa, no longo prazo, ancorada na confiança global no dólar e na capacidade dos EUA de atrair capitais.

Por conta do seu déficit em transações correntes, é fato que os EUA continuam consumindo muito mais do que produzem em termos materiais, sustentando sua hegemonia por meio do sistema financeiro, da infraestrutura de inovação, da difusão cultural e, sobretudo, de seu poder militar. Mas a arquitetura econômica atual, baseada na troca de bens reais por moeda fiduciária, além de expressar essa contradição estrutural, tem que expressar certo equilíbrio nas trocas capitalistas de longo prazo.

Gráfico 1. Componentes da Balança de Transações Correntes dos EUA (% do PIB), 1970 - 2023



Fonte - Banco Mundial (2025)

Essa arquitetura, no entanto, é instável. Se a posição externa dos EUA se deteriorar rapidamente, o restante do mundo pode deixar de aceitar essa troca desigual. O controle do dólar como moeda internacional não apenas permite aos EUA exportar sua inflação, como também lhes confere o poder de aplicar uma ampla gama de sanções econômicas contra países adversários — desde restrições comerciais até a exclusão completa do sistema financeiro internacional. Nesse contexto, a substituição do dólar como moeda de troca deixa de ser apenas uma manobra econômica e passa a ser uma estratégia fundamental de afirmação da soberania nacional de um número cada vez maior de países.

Nesse cenário de instabilidade e crescente contestação à hegemonia do dólar, a China surge como um dos principais atores capazes de abalar a ordem monetária internacional vigente. Detentora de uma das maiores reservas em títulos do Tesouro norte-americano, Pequim possui, ao menos em teoria, a capacidade de desestabilizar o dólar ao liquidar parte significativa desses ativos. Embora essa manobra implique custos para a própria China — como a desvalorização de suas reservas e o possível encarecimento das exportações —, o gesto teria profundos impactos simbólicos e econômicos, sinalizando o enfraquecimento da confiança global na moeda norte-americana. Tal movimento, caso venha a ocorrer, transformaria a disputa cambial em um elemento central da geopolítica contemporânea, colocando em xeque a sustentabilidade da dominação financeira dos EUA.

4. A crise de hegemonia e o risco do descrédito do dólar

Essa fragilidade estrutural pode apontar para uma crise de hegemonia. Se os EUA não forem capazes de entregar crescimento, prosperidade ou estabilidade — seja por via econômica, seja por via coercitiva (como guerras) —, a confiança internacional na sua liderança pode ruir. Ainda que o dólar se valorize no curto prazo, por seu papel de reserva e refúgio, o médio e longo prazo desenham um cenário perigoso: a perda da centralidade do dólar no comércio e nas finanças globais.

Ainda que timidamente, o mundo já começa a buscar alternativas: o avanço de acordos bilaterais em outras moedas (JP MORGAN, 2024), o aumento da participação de moedas não ocidentais como reservas internacionais e meios de transação (ATLANTIC CONSUL, 2025), e até mesmo as experimentações com moedas digitais emitidas por bancos centrais (IMF, 2025), podem sinalizar um deslocamento em curso. Se o desequilíbrio externo dos EUA se agravar sem a correspondente oferta de bens, tecnologia ou garantias geopolíticas, o dólar corre o risco de deixar de ser a principal referência monetária global — não por força de um colapso súbito, mas por um processo de erosão lenta e cumulativa de sua centralidade.

5. O tarifaço como estratégia política e a tentação do caos

Mais do que uma política econômica racional, o tarifaço é parte de uma estratégia política para agradar uma base nacionalista e trabalhadora desiludida. O trumpismo, assessorado por figuras como Steve Bannon, investe num discurso de “prosperidade para a classe trabalhadora americana”, articulando protecionismo, xenofobia e nostalgia industrial (Wu et al., 2020).

No entanto, sem entregar resultados materiais, essa narrativa pode se esgotar. Diante disso, uma guerra (econômica ou militar) torna-se uma alternativa para unificar a nação em torno de um inimigo externo e postergar o colapso interno. Nesse sentido, a política comercial de Trump pode ser lida como um prelúdio de algo maior: a escalada de um conflito geopolítico entre potências, em que o caos é parte da tática.

6. A ausência de uma alternativa política de esquerda

O fracasso dos democratas em reformar seu partido e se reconectar com as bases populares abre um vácuo perigoso no campo progressista. Figuras como Bernie Sanders e Alexandria Ocasio-Cortez não conseguiram reverter o aprofundamento neoliberal do partido (GUARDIAN, 2020). O resultado é um cenário de desencanto generalizado com a política institucional: menos de um

quarto dos estadunidenses respondiam positivamente quando questionados se "confiavam que o governo tomaria boas decisões na maior parte do tempo" (PEW RESEARCH CENTER, 2025).

Essa situação se agrava quando um recorte partidário é considerado. Em 2024 - durante um governo democrata - apenas 11% dos republicanos responderam positivamente à mesma pergunta; já em 2020 - período em que um republicano era presidente - apenas 18% dos democratas concordaram com a afirmação. É relevante destacar que, mesmo entre os que declararam apoiar o partido no governo, a confiança era baixa. A proporção de eleitores democratas e republicanos que diziam confiar nos governos que eles apoiaram foi, respectivamente, de 35% e 36% (PEW RESEARCH CENTER, 2025).

Tal vazio alimenta a ascensão de figuras autoritárias e de discursos extremistas. O trumpismo não é, ainda, um fascismo plenamente desenvolvido, mas pode ser a antecâmara de algo mais radical, sobretudo se colapsarem os mecanismos de conciliação e redistribuição. A combinação entre crise econômica, frustração popular e discurso nacionalista pode ser explosiva

7. Conclusão

O tarifaço de Trump é, ao mesmo tempo, um sintoma e um agravante da crise estrutural do capitalismo norte-americano. Sua ineficácia econômica, somada aos riscos inflacionários e à instabilidade sistêmica que promove, coloca em xeque não apenas a política comercial dos EUA, mas a própria hegemonia do dólar. Se não houver entrega de prosperidade ou estabilidade, os EUA podem assistir a uma erosão progressiva de seu poder global. A alternativa — ou a ilusão de uma — pode ser tanto uma saída mais branda do establishment político provocando um impeachment de Trump e recolocando as bases do seu regime neoliberal de acumulação quanto até uma guerra de maiores proporções sob a liderança de um governo explicitamente fascista.

Referências

AGÊNCIA BRASIL. Entenda a guerra de tarifas de Trump e as consequências para o Brasil. 2025. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2025-04/entenda-guerra-de-tarifas-de-trump-e-consequencias-para-brasil>. Acesso em: 22 abr. 2025.

ATLANTIC COUNCIL. Dollar Dominance Monitor. Washington, DC: Atlantic Council, [s.d.]. Disponível em: <https://www.atlanticcouncil.org/programs/geoeconomics-center/dollar-dominance-monitor/>. Acesso em: 24 abr. 2025.

AUTOR, D.; SALOMONS, A. Is automation labor-displacing? Productivity growth, employment, and the labor share. Cambridge, MA: National Bureau of Economic Research, 2018. (NBER Working Paper, n. w24871).

BANCO MUNDIAL. World Bank Open Data. Disponível em: <https://data.worldbank.org/>. Acesso em: 25 maio 2025.

BRASIL. Câmara dos Deputados. Câmara aprova projeto que prevê medidas do governo brasileiro contra tarifas de outros países. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2024. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/1146611-camara-aprova-projeto-que-preve-medidas-do-governo-brasileiro-contra-tarifas-de-outros-paises>. Acesso em: 20 abr. 2025.

UNITED STATES OF AMERICA. The White House. Regulating Imports with a Reciprocal Tariff to Rectify Trade Practices that Contribute to Large and Persistent Annual United States Goods Trade Deficits. 2025. Disponível em: <https://www.whitehouse.gov/presidential-actions/2025/04/regulating-imports-with-a-reciprocal-tariff-to-rectify-trade-practices-that->

contribute-to-large-and-persistent-annual-united-states-goods-trade-deficits/. Acesso em: 18 abr. 2025.

FEDERAL RESERVE BOARD. Internationalization of the Chinese renminbi: progress and outlook. FEDS Notes, Washington, DC, 30 ago. 2024. Disponível em: <https://www.federalreserve.gov/econres/notes/feds-notes/internationalization-of-the-chinese-renminbi-progress-and-outlook-20240830.html>. Acesso em: 19 abr. 2025.

INTERNATIONAL MONETARY FUND. Virtual handbook on central bank digital currency. Washington, DC: IMF, 2025. Disponível em: <https://www.imf.org/en/Topics/digital-payments-and-finance/central-bank-digital-currency/virtual-handbook>. Acesso em: 18 abr. 2025.

J.P. MORGAN. De-dollarization: is the dollar losing its dominance? [S. l.], [2023?]. Disponível em: <https://www.jpmorgan.com/insights/global-research/currencies/de-dollarization>. Acesso em: 24 abr. 2025.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. ILO Data Explorer: [Indicador LAC_4HRL_ECO_CUR_NB_A]. 2025. Disponível em: https://rshiny.ilo.org/dataexplorer78/?lang=en&segment=indicator&id=LAC_4HRL_ECO_CUR_NB_A. Acesso em: 16 abr. 2025.

PEW RESEARCH CENTER. Public Trust in Government: 1958-2024. Washington, DC, 24 jun. 2024. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/politics/2024/06/24/public-trust-in-government-1958-2024/>. Acesso em: 15 abr. 2025.

STEFFEK, J.; LASSHOF, Y. Steve Bannon on ‘productive capitalism’: Investigating the economic ideology of the American populist right. *Journal of Political Ideologies*, v. 30, n. 1, p. 243–265, 2 jan. 2025.

THE GUARDIAN. ‘Demexit’: leftwingers plan alternative to Democrats and Republicans. Londres, 29 ago. 2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/us-news/2020/aug/29/demexit-peoples-convention-leftwing-alternative-democrats-republicans>. Acesso em: 17 abr. 2025.

WU, F.; LI, X. The ideology of Trumpism and white supremacy in the post-globalization geopolitical struggling. *International Relations and Diplomacy*, v. 8, n. 12, p. 503–504, 2020.